



Há formas mais promissoras de crianças e jovens ocuparem a

NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
Mídia e Educação



central de atendimento: (21) 2528-8282
ouvidoriainmultirio@pcrj.rj.gov.br

MULTIRIO

NÓS DA ESCOLA

Ano 1 • nº 10 • 2002 • www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola

Gente não tem cor,
gente tem história
Movimento negro quer
a inclusão pela cultura



ISSN 1676-5141
9 771676 514023 00010

PREFEITURA DO RIO

Editorial De uma linha a um dia	4
Cartas Prezada professora Ana, Agradecimento e Elogio e Giramundo	5
Ponto e Contraponto Eduardo Silva explica os conceitos de afro-brasileiro e afro-descendente	6
Zoom A divertida e confusa mistura brasileira	10
Atualidade Estudos do IBGE informam que o brasileiro está mais instruído	12
Olho Mágico O trabalho da Assessoria de Integração da MULTIRIO	14
Capa O desafio do movimento negro no século XXI	16
Pé na Estrada Folclore ajuda alunos a entender a diversidade cultural brasileira	22
Carioca A história das escolas do Rio no Centro de Referência de Educação Pública	25
Caleidoscópio Produtos da MULTIRIO na sala de aula	27
Professor On-line O direito dos professores	30
Vida de Professor Imagina se trabalhasse!	32
Tudoteca Dicas de leitura, filmes, vídeos e agenda de eventos	34



Empresa Municipal de Multimeios

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia - Prefeito • **Sonia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Delorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • **Ana Lagôa** - Supervisão editorial • **Solange Jobim** - Supervisão pedagógica • **Élida Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Guaira Miranda** - Gerente de multimídia • Colaboradores: **Alberto Jacob Filho** (Fotografia), **Cristina Campos** (Conteúdo), **Cristina Morel** (Conteúdo), **Erick Grigorovski** (Ilustração), **Joanna Miranda** (Conteúdo), **Lúcia Barreiros** (Produção gráfica), **Marcus Tavares** (Reportagem), **Martha Neiva Moreira** (Edição), **Nancy A. Soares** (Revisão), **Eduardo Ofeliano** (Ilustração), **Suely Barreto** (Conteúdo), **Tania Oliveira** (Projeto gráfico e editoração) • Fitolitos e Impressão: **Gráfica e Editora Posigraf** • Tiragem: **40 mil exemplares**

Desenho da aluna Janeide de Santana, Turma de Progressão, Ciep Posseiro Mário Vaz, Pedra de Guaratiba, Zona Oeste, Rio de Janeiro (RJ)



Nos velhos livros de História em que estudamos, muito pouco, ou quase nada se falava dos heróis negros. Sobre Zumbi, talvez uma linha... e com o famoso "finalmente, foi destruído o Quilombo dos Palmares".

Muito recentemente, os estudos de História nos levaram ao conhecimento de outros quilombos, nunca antes mencionados na escola básica.

Lembro que quando foi oficializado o 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra, houve quem achasse não ser necessário. Parte do Brasil parece não querer conhecer o que foi, é e o que queremos que seja o nosso Brasil.

Esquecer a nossa afro-descendência e a contribuição valorosa e fundamental na nossa formação pode ser extremamente perigoso, se queremos um país democrático e justo em oportunidades.

Na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, o artigo 26, parágrafo 4º, diz que "O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e europeias".

As Diretrizes Curriculares Nacionais nos apontam para a necessidade de reconhecimento de identidades pessoais, das diversidades e peculiaridades básicas relativas aos gêneros masculino e feminino, às origens étnicas e há pesquisas que nos demonstram discriminações e exclusões em diversos contextos, incluindo a escola, que precisa trabalhar no sentido de reverter este quadro de conseqüências negativas.

Fechar os olhos para onde está o maior índice de famílias pobres, de salários mais baixos, de discriminação contra a mulher e de menor escolaridade, é desconhecer o muito que a sociedade brasileira ainda tem que fazer para corrigir as injustiças sociais vigentes.

Que o Dia da Consciência Negra seja mais que uma justa homenagem a Zumbi. Que ele seja uma lembrança de que a luta precisa e deve continuar como direito e dever da cidadania.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Prezada professora Ana,

A equipe da revista **Nós da Escola** sabe que você é especial e pede desculpas pelo título do último editorial, que não deixou clara a importância da homenagem feita pela senhora Secretária Sonia Mograbi.

Agradecimento

Gostaria de agradecer à revista **Nós da Escola** pela matéria *Vencendo obstáculos, transformando histórias* (**Nós da Escola** nº 7, páginas 22 a 24). Os alunos, as mães e o corpo docente da Escola Municipal Marly Fróes Peixoto adoraram a reportagem. Todos nós ficamos muito contentes por termos tido a oportunidade de mostrar nosso trabalho. Esperamos que os leitores tenham gostado do nosso projeto e que a iniciativa motive outros professores a buscarem outras formas de incluir o portador de necessidades especiais no processo de ensino. Em nome de todos da Oficina do Computador um grande obrigado.

Sara Gillian Norton Pont @

Psicóloga que desenvolve o projeto Oficina do Computador, na Escola Municipal Marly Fróes, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro.

N. da R. – Sara, a equipe agradece os elogios e a participação.

Elogio

Sou professora aposentada da Rede Municipal de Ensino do Rio, o que muito me orgulha. Atualmente, pertencço à Secretaria Municipal de Educação de Iguaba Grande. Sou orientadora educacional. Ganhei de uma amiga o exemplar número 7 da revista **Nós da Escola**. Fantástica! É um instrumento muito útil para atualizar os professores e ajudá-los nas ações do dia-a-dia da sala de aula. Parabéns.

Cleuza de Souza Lima @

Professora aposentada da PCRJ

N. da R. – O objetivo da revista é contribuir para o debate e a reflexão dos assuntos ligados ao cotidiano escolar. Obrigado pelos elogios.



Giramundo

Conheci a revista **Nós da Escola** através de uma amiga, que é professora da rede. A revista é muito interessante, mas o que me chamou muito a atenção foi a coleção Giramundo. É simplesmente MARAVILHOSA! Trata de temas interessantes e relevantes para o professor e consegue ser consistente sem ser pesado ou teórico demais. É uma publicação de uma leveza muito peculiar, com atividades muito bem sacadas e um visual superbacana! Tenho xerox de todos os números e aproveito todos. Parabéns à equipe – Ana Cristina, Cristina, Erick e Nancy – e, em especial, a quem escreve o texto. E que novas ótimas idéias possam surgir!

Maria Fernanda Perth @

Professora da rede particular

N. da R. – Ficamos felizes em saber que a coleção **Giramundo** está sendo aproveitada, também, por uma professora da rede particular. A equipe da **Nós da Escola**, em especial, do **Giramundo**, agradece os elogios.

DENGUE

Não deixe que esta onda pegue você neste verão!

✉ Carta ☎ Telefone @ E-mail

Pelo direito à própria imagem

O historiador Eduardo Silva é um estudioso da questão do negro no Brasil. Para ele, embora os movimentos organizados tenham conseguido diminuir o fosso de 500 anos de história, no que diz respeito à democracia racial, os negros ainda têm muito por que lutar: “Além de um melhor espaço na sociedade, a luta é para ganhar visibilidade, isto é, o direito à própria imagem”.



Autor de vários livros e pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa, ele analisou, em sua tese de doutorado, na Universidade de Londres, a história de vida e o pensamento de Dom Obá, líder popular de origem africana, nascido no sertão da Bahia, que lutou na Guerra do Paraguai e teve importante atuação na luta pela abolição da escravatura. O livro *Dom Obá II D'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor* foi publicado em 1997 pela Companhia das Letras e serviu de base para a criação do samba-enredo da Mangueira para o carnaval de 2000. Nesta entrevista, o professor explica os recentes conceitos de afro-brasileiro e afro-descendente e faz uma análise do último resultado do censo 2000, que mostrou aumento do percentual de pessoas que se auto-declararam negras.

O que é ser afro-brasileiro?

Eduardo Silva - “Afro-brasileiro” ou “afro-descendente” são conceitos relativamente recentes e trazem as marcas de nossa contemporaneidade. Eles dizem respeito às nossas preocupações de hoje com as raízes africanas e, ao mesmo tempo, com a nossa brasilidade, o nosso pertencimento a um novo contexto geográfico ou nacional não-africano. “Afro-brasileiro” quer significar simplesmente o negro brasileiro, embora a ênfase esteja na origem e não exatamente na cor da pele. No caso de “afro-descendente” o significado é ainda mais amplo - negros ou miscigenados, de ascendência africana, mas não necessariamente brasileiros. Em ambos os casos a ênfase está na questão das origens africanas, questão esta que tem se mostrado cada vez mais importante neste nosso mundo globalizado.

Podemos dizer que negro e afro-brasileiro têm a mesma definição?

Eduardo Silva - Podemos dizer que negro e afro-brasileiro são conceitos equivalentes, muito embora precisemos lembrar que as palavras não são neutras e trazem sempre as marcas do período histórico e da sociedade em que foram formuladas. Por isso é muito difícil falar em sinônimos perfeitos. Se “afro-brasileiro” é um conceito de hoje, “negro” já é um conceito muito mais antigo e traz muitos séculos de significados nas costas. Por exemplo, “afro-brasileiro” e “negro” podem significar simplesmente o indivíduo de pele mais ou menos escura. A palavra “negro”, contudo, vem do tempo da escravidão e, por isso, traz uma carga muito mais rica de significados. Sendo a escravidão no Brasil sobretudo de origem africana, “negro”, por extensão, significava não apenas uma cor de pele, ou raça, ou etnia determinada, mas trazia também o significado histórico de “escravo”. Daí que, por muitos anos, os próprios negros evitassem o termo, devido a imensa carga negativa que ele possuía. Eles preferiam

“Afro-brasileiro” quer significar simplesmente o negro brasileiro, embora a ênfase esteja na origem e não exatamente na cor da pele. No caso de “afro-descendente” o significado é ainda mais amplo”

quase sempre o termo “cativo”, “cativeiro”, que parecia bíblico e trazia uma dignidade maior. Os abolicionistas também evitavam o termo escravo (um estado de coisas mais ou menos permanentes) e preferiam sempre o termo “escravizado”, isto é, alguém que não era na verdade escravo, mas que foi reduzido a essa situação (indevidamente) por uma outra pessoa.

Então podemos afirmar que negro, no Brasil, sempre foi um conceito negativo, ligado à questão da escravidão?

Eduardo Silva - Não, de jeito nenhum. No Brasil aconteceu uma coisa extremamente interessante com a palavra negro. A princípio o termo tinha um sentido mais amplo, abrangendo não apenas os africanos, mas todos os “não-brancos” que os portugueses iam encontrando em suas navegações pelo mundo afora, incluindo índios, chineses e índios americanos. No Brasil, no século XVI, tanto eram “negros” os primeiros africanos para cá trazidos quanto os indígenas que aqui estavam. ▶

Depois, como os índios foram rareando e, ano a ano, os negros propriamente ditos aumentando até se constituírem na maioria absoluta da população, o termo negro(a) foi adquirindo o sentido genérico de ser humano, homens e mulheres, qualquer pessoa, independente de sua origem ou cor da pele. Por sermos a maioria, o termo passou a significar também um tratamento extremamente carinhoso e esse sentido foi imposto a toda sociedade.

Dê um exemplo...

Eduardo Silva - Aqui falamos “nego” (com síncope), “neguinho”, “preta”, “pretinha” no sentido de meu bem, meu querido, amigo, camarada, companheiro, um tratamento extremamente íntimo, familiar, carinhoso. A única diferença do sentido pejorativo para o sentido familiar e carinhoso era simplesmente a letra “erre”. Isso porque os senhores, os escravocratas preconceituosos, geralmente caprichavam

nos erres do sotaque lusitano. Eles diziam, por exemplo, eu tenho tantos “**negrrros**”, e assim, significavam mesmo “escravos”. O povo negro, contudo, simplesmente suprimia os erres e, com isso, não apenas amaciava a pronúncia, como transformava inteiramente a palavra em algo novo, subversivo. É extremamente interessante que a palavra negro, que até o século XIX tinha um sentido tão pejorativo, tenha sido escolhida, no Brasil, para significar exatamente o movimento de assunção da cor e tenha adquirido essa maravilhosa carga libertadora.

Quais os avanços que os movimentos organizados em prol da maior participação dos negros já conquistaram no Brasil?

Eduardo Silva - O Brasil mudou da água “pro” vinho! A maré racista só tem feito recuar nos últimos 20 anos e, sem dúvida, a utopia da “democracia racial”, como projeto social e político, já ganhou *status* de ideologia oficial. Vimos isso no congresso internacional sobre racismo que a ONU realizou em 2001, na África do Sul. É preciso não esquecer que a discriminação racial é, desde a Constituição de 1988, crime inafiançável e imprescritível. O que acontece é que a cada avanço, a sociedade tem tomado maior consciência do muito que ainda precisa ser feito para recuperar um fosso histórico de 500 anos e que não diz respeito apenas aos “negros”, mas à autoconsciência do Brasil como um todo.

Como são vistas, antropológicamente, as declarações da cor de pele como indicador social?

Eduardo Silva - Nós usamos e abusamos do conceito de raça no discurso cotidiano e, mesmo no discurso científico, como se soubéssemos exatamente do que se trata. Na verdade, a idéia de raça como conceito analítico tem pouquíssimo valor heurístico e, certamente, não nos levará muito longe na compreensão da realidade. Tem razão Joel Rufino (historiador, professor do departamento de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro) quando propõe o abandono do conceito de raça e passa a falar do negro como um “lugar” definido não apenas pelas características físicas do indivíduo (fenótipo), mas ainda pela condição social (geralmente pobre), a origem histórica, isto é, a ascendência africana, e a identidade social. Levando-se em conta todos esses fatores, chegaremos à compreensão do “problema negro” como um problema do Brasil como um todo, e não só dos negros, como foi pioneiramente colocado por Guerreiro Ramos. Sabemos hoje que as raças não são biologicamente reais, sobretudo no Brasil, onde a principal característica foi a mistura. Na verdade, os estudos mais modernos têm mostrado que a cor da pele conta muito

pouco sobre a constituição genômica de uma pessoa. As pesquisas do geneticista Sergio Danilo Pena, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostram de forma cabal que quase todos os brancos, por exemplo, têm herança genética indígena e africana, mesmo os mais insuspeitos. Isso prova que o problema do negro é, no fundo, um problema de todos nós, seja qual for a nossa origem presumida. E isso é muito bom, isso transforma o Brasil pela raiz.

Pelo que, hoje, os negros lutam?

Eduardo Silva - Por muitas coisas. Eu diria que não só por um lugar melhor na sociedade, por melhor educação, emprego etc., mas ainda pelo devido respeito, que Bell Hooks chamou, no caso dos EUA, “a luta para ganhar controle sobre como somos vistos e representados”. Falamos ainda, candidamente, em coisas tais como “cabelo ruim”, “feições finas” etc. Sabemos hoje que o controle sobre a imagem é absolutamente essencial para a manutenção de qualquer sistema racial de dominação, da mesma forma que é essencial para a conquista da liberdade plena, auto-respeito e cidadania. Não podemos esquecer que a escravidão não foi apenas um regime de dominação física, mas de dominação cultural e estética, um sistema onde, como tão bem caracterizou Stuart Hall, os colonizadores tinham o poder de nos induzir a ver e experimentar a nós mesmos como o “outro”. Eu penso que os negros, além de um melhor espaço na sociedade, lutam para ganhar “visibilidade”, isto é, o direito à própria imagem.

O resultado do censo 2000 mostrou aumento percentual, de 5% para 6,2%, da quantidade de pessoas que se autodeclararam negras. Como o senhor avalia esse resultado?

Eduardo Silva - É um dado positivo à medida que o velho sistema brasileiro de classificação multirracial é muito difícil de ser entendido fora do Brasil. E isso dificulta a percepção da unidade de certos problemas impostos pelo racismo não apenas no Brasil, mas na África e na diáspora africana. Por outro lado, penso que não devemos levar demasiadamente a sério o sistema birracial norte-americano como a única forma “certa”, ou “politicamente correta”, de pensar a questão racial. Como já apontamos, todo sistema classificatório é historicamente determinado e encontra-se em constante mutação. Na verdade, o sistema brasileiro é “tão bom como tão bom”, à medida que reconhece a nossa trajetória histórica e a realidade da miscigenação que nos cons-

“Aqui falamos “nego” (com síncope), “neguinho”, “preta”, “pretinha” no sentido de meu bem, meu querido, amigo, camarada, companheiro, um tratamento extremamente íntimo, familiar, carinhoso”

tituiu como povo. Sabemos hoje que raça não é uma realidade científica, no fundo, trata-se apenas de uma metáfora. Uma pesquisa recente, realizada pelo Núcleo de Pesquisa e Informação da Universidade Federal Fluminense, sobre as Relações Raciais no Estado do Rio, mostrou que a maioria dos entrevistados, mesmo os ditos “negros”, preferia considerar-se de cor “morena”. Trata-se de uma escolha como outra qualquer. O importante, na verdade, não é o nome que possamos escolher, ou preferir, mas a atitude que temos em relação à questão racial. ■

“A maré racista só tem feito recuar nos últimos 20 anos e, sem dúvida, a utopia da “democracia racial”, como projeto social e político, já ganhou *status* de ideologia oficial”

Mistura fina

Sabe aquele morenaço, de pele escura, quase negra, olho meio esverdeado e cabelo tão liso que parece uma seda? E aquela branquela sardenta, com o cabelo loiro tão enroladinho que já deu o que falar até em música dos Paralamas do Sucesso? Tem também um outro, de olhos puxados, tipo *japa*, com lábios grossos e nariz largo. Seja qual for o tipo, há denominações de sobra para caracterizá-los. Negro, branco, índio, mulato, **cafuzo**, **juçara**, **mameluco** ou **caboclo** e **ai-no-ko**.

Mesmo assim, se sairmos por aí perguntando às pessoas qual a cor de sua pele, as respostas são tão diferentes quanto alva, morena, bronzeada, mestiça, castanha, avermelhada, rosa queimada, russa, sapecada, morena ruiva, branca avermelhada, cor de canela, sarará, morena trigueira, branca melada, pálida, parda, polaca, pouco clara, turva, moreninha, mista, morena cor de canela...

A variedade das respostas, tiradas do resultado do Censo de 1980, reflete a falta de clareza das pessoas na hora de definir sua origem. O que expressa a diversidade étnica que constitui nosso país, como aponta o antropólogo Roque Laraia. “É comum no jargão histórico, se dizer que o Brasil é formado por três raças. Na verdade, trata-se de um país pluriétnico. E esta multiplicidade étnica já existia muito antes da chegada de Cabral”.

Laraia explica, no mesmo artigo, que a população indígena, de origem asiática, era constituída por representantes de diversas etnias: “Hoje ainda existem mais de 200”. Os negros que aqui chegaram vindos da África também trouxeram inúmeros costumes, tradições e crenças. Com a população branca não foi diferente. Os primeiros colonizadores eram portugueses, mas a partir da metade do século XIX o país sofreu um intenso processo migratório, com europeus e asiáticos (estes a partir do início do século XX) de origens étnicas variadas.

O resultado de tantas etnias diferentes foi uma intensa miscigenação. **Nós da Escola** traz para você um pouquinho dessa mistura que deu certo e que está estampada no rosto de cada brasileiro. Dê uma olhada!

Cafuzo:

negro com índio

Mameluco ou caboclo:

branco com índio

Juçara:

mistura entre brancos, negros e índios

Ai-no-ko:

mistura entre japoneses e seus descendentes e brasileiros



“Apesar de estar escrito branca na minha certidão, de branca não tenho nada. Sou filha de português com mulata e foi meu pai que foi me registrar. Acho que na hora, a pessoa viu que ele era claro e tascou *cor branca*. Na verdade, tenho um pé e meio na África.” Cristina dos Santos Brum

“Desde pequena me perguntam se sou descendente de oriental. Os meus olhos, com o formato dos de japonês, devem ser herança de algum parente distante porque meus pais não têm essa característica. Eles são bem brancos, de cabelos pretos, e com família em Portugal e Itália.” Ana Cláudia Lanes Figueira



“Sou muito clara, embora na certidão esteja parda. Minha cor e meus olhos azuis puxei de meu pai, português. O cabelo enrolado, da minha mãe - que é negra, da Bahia.” Eloina Correia Santos

“A minha certidão de nascimento diz que sou parda. Mas não concordo. Minha cor é negra mesmo. Acho que existem negros e brancos. A palavra parda foi usada para amenizar a minha cor. Sou negra sim. Tenho cabelo duro e a minha cor não é clarinha. Sou filha de mãe negra e de pai branco, de olhos azuis, descendente de italiano. Por isso, tenho olhos verdes. Muita gente mexe comigo na rua perguntando se eu estou de lente. Acho engraçado e levo na brincadeira.” Rita de Cássia Lima Zimardi Fernandes



Educação e Saúde avançam nos anos 90

Redução da mortalidade infantil, aumento do número de crianças nas escolas, queda significativa no índice de analfabetismo. O Brasil inicia o novo milênio comemorando algumas conquistas sociais dos anos 90. Década marcada pela estabilidade econômica, em que o brasileiro viu facilitado seu acesso à bens e serviços, e pela desigualdade na distribuição de renda e de oportunidades.

Na contramão das desigualdades, os dados relativos à área educacional dão motivo para comemorar. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD 2001), o acesso ao Ensino Fundamental já está praticamente universalizado: 96,5% das crianças entre 7 e 14 anos estão na escola.

A pesquisa apontou ainda que o nível de instrução do brasileiro aumentou. Em cinco anos (1996 a 2001), o índice de pessoas com pelo menos o Ensino Médio concluído cresceu de 16,3% para 21,7%. As mulheres levam vantagem sobre os homens: 23% delas têm 11 anos ou mais de estudos contra 20,1% deles. A taxa de analfabetismo é outro bom indicador da evolução na área de educação. No total da população, havia, em 2001, 11,4% de analfabetos, contra 13,7% em 1996.

Para a socióloga Fernanda Carvalho, pesquisadora do Núcleo Democracia e Globalização, do Ibase, apesar dos progressos no setor há um grande desafio para esta década: garantir escola pública de qualidade para todos. "Vários estudos apontam que a qualidade do ensino disponível para a maioria das crianças é bastante baixa no Brasil. Nossa escola ainda não apresenta condi-

ções para a aprendizagem de alguns conhecimentos básicos. Isto sem considerar outros objetivos desejáveis da educação como o desenvolvimento da cidadania, do respeito à diversidade e a promoção da equidade, entre outros".

Um outro aspecto que merece atenção, na opinião da socióloga, é a expansão do acesso à Educação Infantil, ao Ensino Médio e à universidade. "A taxa de escolaridade média para os adultos ainda é baixa (5,7 anos em 1999) no país, inferior mesmo à de países com a renda *per capita* menor que a nossa, como Paraguai e Equador".

Com a taxa de mortalidade infantil ocorre o oposto. Está acima da meta que foi estipulada pelas Nações Unidas para o ano 2000, de 32

mortes para cada mil bebês nascidos vivos, de acordo com o Censo 2000. Pela pesquisa, a cada mil bebês que nascem, 29 morrem antes de completar um ano. Uma redução de 38%, se comparada com os dados do início dos anos 90, quando a proporção era de 48 por mil. Investimentos no combate à desnutrição, em assistência às gestantes e programas como o mãe-canguru, que mantém a criança junto da mãe, são as principais razões para a queda na taxa de mortalidade infantil.

Desigualdades - Se nas áreas de educação e saúde o brasileiro pôde perceber progressos, nos indicadores de renda e remuneração o mesmo não aconteceu. Para se ter uma idéia do nível de desigualdade no Brasil, entre 1992 e 1999, segundo a Síntese dos Indicadores Sociais 2000, do IBGE, o rendimento médio dos 10% mais ricos aumentou de 13,3 salários mínimos para 18,4, pouco mais de cinco salários. Entre os 40% mais pobres a variação não chegou a ultrapassar um salário mínimo.

O fosso que separa a elite econômica dos menos favorecidos no país pode ser constatado, ainda, pelo percentual de domicílios com saneamento básico. A Síntese aponta que em 99, entre os 10% mais ricos, 80,1% das residências eram beneficiadas pelo serviço, enquanto que entre os 40% mais pobres a proporção era de 32,3%. Este contraste é observado também quando se compara a taxa de estu-

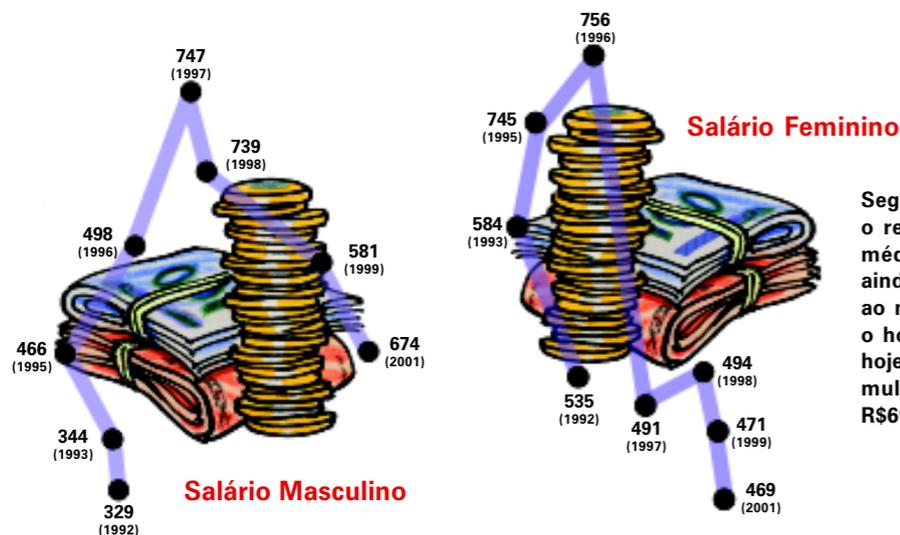
dantes com nível superior no final de 1999. Na faixa dos 10% mais ricos, 21% dos estudantes entre 20 e 24 anos tinham nível superior. Dos 40% mais pobres, apenas 2,6% concluíram o terceiro grau.

Outro exemplo da má distribuição de renda é apontado no Censo 2000. De acordo com o estudo, 24% da população ganha até um salário mínimo. Na Região Sudeste, onde está uma das maiores concentrações de renda, a percentagem dos que recebem apenas um salário é de 15,9%, enquanto a taxa daqueles que estão na faixa dos 20 salários é de 3,3%. A PNAD 2001 reforça a idéia da desigualdade quando mostra que, em 2001, 46% do total das remunerações de trabalho estavam nas mãos dos 10% com maiores rendimentos.

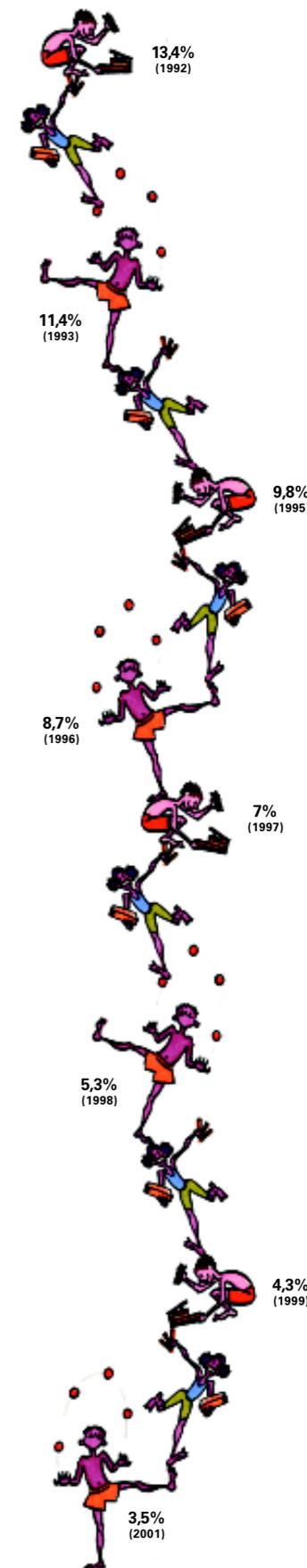
Esses resultados não expressam, necessariamente, uma característica da década de 90, mas um fenômeno estrutural da nossa sociedade, como observa Fernanda Carvalho: "O nível de concentração de renda que temos hoje é o mesmo de 1970. E este é apenas o lado mais visível e mais comentado de nossas alarmantes desigualdades socioeconômicas. Estas, por sua vez, têm a ver com a elevada e histórica concentração de riqueza (como a terra), o restrito acesso a uma educação de qualidade e a níveis mais altos de escolaridade e com uma política tributária regressiva onde os mais ricos pagam proporcionalmente menos impostos, entre outros fatores".

Bens - Embora os indicadores de renda não tenham expressado avanços, o brasileiro teve mais acesso a bens de consumo ao longo da década de 90.

"Efeito dos planos de estabilidade econômica a partir de 1995", informa Luiz Antônio Pinto de Oliveira, chefe do departamento de População e Indicadores Sociais do IBGE. O percentual de residências com carro, por exemplo, passou, segundo do Censo 2000, de 23,1% em 1991, para 32,7% em 2000. A PNAD 2001 revelou que o número de moradias com telefone cresceu, em cinco anos, mais de 100%. De 25,5% em 1996, aumentou para 58,9% em 2001. Do total de domicílios, 89% têm televisão, 12,6% tem microcomputador e 8,6% estão ligados à internet. ■



Segundo a PNAD, o rendimento médio feminino ainda é inferior ao masculino. Se o homem recebe hoje R\$100, a mulher ganha R\$69,6



A taxa de escolaridade de crianças entre 7 e 14 anos caiu 10 pontos percentuais desde 1992

Mais interatividade para o professor

Depois de realizar oficinas de divulgação e uso nas dez Coordenadorias Regionais de Educação, a equipe do Século XXI abriu em novembro o primeiro fórum de professores, embrião da **Comunidade Virtual Século XXI** – espaço destinado a explorar ao máximo o potencial da internet no uso do conteúdo do site e como parceira na constituição de novos conhecimentos. “A idéia é radicalizar na interatividade dos usuários”, afirma Fernando Mozart, coordenador do projeto.

Ao contrário de outros fóruns virtuais, o do Século XXI está sendo implantado por etapas, a partir de um grupo-piloto de 50 professores que receberam senha para entrar no fórum cativo. Nesse espaço virtual, eles estão organizando por si mesmos as listas de discussões, trocando idéias sobre o site e a própria arquitetura do fórum, intercambiando dicas de leituras e atividades e até mesmo criando grupos com propostas específicas, como a construção do projeto político-pedagógico de uma escola ou colaborações para o próprio conteúdo do site.

Outra novidade do projeto é a publicação da chave Guerra. As várias definições de guerra, a tecnologia empregada nesta verdadeira ‘indústria’, a globalização dos conflitos, os Estados Unidos e o fim do discurso pacifista são algumas das questões abordadas na chave.

Três temas estão sendo tratados no Fórum Século XXI, que está no ar em caráter experimental

Fórum	Tópicos	Mensagens	Última mensagem	Moderadores
Comunidade Virtual - Século XXI				
<u>Avalie este fórum.</u> O propósito deste fórum é aprendermos junto como entrar nesse mundo novo de discussão on-line. Um Abraço	5	107	28/11/2002 às 13:39:06 enviado por andrea	analagoa, hjacob
Projeto Político-pedagógico da Escola Venha discutir o projeto político-pedagógico! Este é um tema proposto pela professora Nilzileena Readí da E.M Antenor Nascimento.	7	105	29/11/2002 às 10:24:14 enviado por Nilzileena	analagoa, hjacob
Projeto Século XXI Neste espaço podemos conversar sobre qualquer assunto referente ao projeto século XXI, seus conteúdos, sua utilização, novas idéias etc.	6	71	28/11/2002 às 17:17:02 enviado por Bete	analagoa, hjacob

Oficinas - Até o final de outubro, a equipe do *Século XXI* realizou 11 oficinas, que reuniram mais de 500 professores da rede. Em cada uma, dinâmicas de grupo exploraram temas atuais como violência urbana, sexo, mídia, ecologia, mundo do trabalho, entre outros. As possibilidades de uso do *site* também foram discutidas nos encontros.

O *site Século XXI* faz parte do conjunto de materiais multimídia produzido na MULTIRIO. Seu conteúdo é organizado pelo sistema CHAVE, no qual cada letra da palavra corresponde a um aspecto do tema em questão: C (conteúdo), H (hoje), A (atividade), V (vitrine), E (experiência). ■



www.multirio.rj.gov.br/seculo21
Ver revista Nós da Escola n. 5, pág. 10

Canal aberto com a Rede

Fazer a comunicação entre a Rede Municipal de Ensino do Rio e a MULTIRIO. Divulgar os programas e os projetos da empresa, além de verificar se as produções em três mídias estão em sintonia com os anseios e as expectativas dos professores das 1.036 escolas. Este é o trabalho da Assessoria de Integração.

Desde o ano passado, a equipe se reúne, regularmente, com professores que atuam em diferentes segmentos que integram a comunidade escolar. São professores de escolas, das Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) e do órgão central da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Em 2001, o trabalho enfatizou a divulgação dos produtos, tendo como público-alvo os professores das Salas de Leitura Pólo e das equipes pedagógicas da secretaria.

No início deste ano, a avaliação do trabalho realizado em 2001 apontou novos caminhos e estratégias que a assessoria deveria implantar neste ano, como explica a professora Marilena Rescala, assessora chefe da equipe: “Vimos a necessidade de intensificar e ampliar nossos canais de comunicação tam-

bém com os dirigentes da SME, com os coordenadores de CREs, com os diretores da Divisão de Educação (DEDs) e também com os coordenadores pedagógicos das escolas”.

Pesquisa - A nova estratégia ampliou as ações da equipe. Até outubro passado, foram realizadas 93 reuniões com a comunidade escolar e outras 56 com representantes de outras secretarias e da sociedade.

Além de divulgar as produções da TV, do Núcleo de Publicações e o site da MULTIRIO, a assessoria busca colher a opinião dos professores sobre essas produções. Com isso, explica Marilena Rescala, é possível conhecer o perfil e as demandas de alunos e professores: “Esse contato nos permite saber como eles avaliam a qualidade do que fazemos. Incentiva, também, a responsabilidade pessoal e coletiva de quem faz e de quem usa a mídia no contexto escolar e, sobretudo, contribui para a educação do público”.

Atividades - Uma atividade que tem, portanto, dupla intencionalidade: educar para a utilização da mídia e, ao mesmo tempo, provocar uma reflexão sobre os limites e possibilidades do uso deste recurso na escola. Nos encontros com os diferentes segmentos, a equipe realiza dinâmicas para incentivar o grupo a pensar de que forma o material da MULTIRIO pode ser utilizado em sala de aula.

As sugestões de atividades elaboradas pelos próprios professores são arquivadas na assessoria para, na medida do possível, serem publicadas pelo site MULTIRIO.

Atividades - Uma pequena prova de que o trabalho da equipe está dando bons resultados pode ser medida pelo número de solicitações de cópias de fitas de programas da MULTIRIO. No ano passado, foram feitos 89 pedidos. Neste ano, até outubro, o número subiu para 232.

Mas muito mais do que usuários, o objetivo da assessoria é transformar professores e alunos em críticos da mídia. A assessora Marilena Rescala conclui: “É um trabalho a médio e longo prazos, mas que já começa a ser vislumbrado pelas escolas”. ■



Quem é quem

Maria Lúcia Tavares Corrêa Dias – Assessora. Professora de História.
Marilena Rescala – Assessora chefe. Professora de Ciências e Biologia.
Fabiano dos Santos Lourenço – Assistente administrativo e estudante de Informática.

Inclusão pela cultura: a bandeira dos negros no Século XXI

Negro. Na historiografia brasileira, povo escravizado, explorado, torturado e humilhado. Sem vez, sem voz, sem direitos. Por mais de três séculos, viveu sob o regime de servidão. Era considerado um bem, uma mercadoria. Sofreu todo tipo de rejeição. Cercado de preconceitos, foi colocado à margem da sociedade que ele mesmo ajudou a construir. Com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, ganhou a liberdade. Mas não a liberdade do preconceito e da discriminação por parte das instituições e da própria população até os dias de hoje. Apesar das evidências e das cenas contundentes que vemos todos os dias nas ruas, há quem discorde, afirmando que, no Brasil, o racismo não existe. Questão polêmica.

Para o professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Carlos Alberto Hasenbalg, Ph.D. em sociologia pela Universidade da Califórnia e autor do livro *Relações Raciais no Brasil Contemporâneo* (Rio Fundo Editora), o racismo no país é bastante claro e perceptível, depende apenas do olhar de quem o vê.

“Um indicador importante disso é a comunicação de massa ou a própria TV. Não há negros na publicidade. A verbalização e a manifestação

de estereótipos sobre o negro no Brasil seriam totalmente condenadas em outros países. O racismo não é facilmente mensurável, mas há fortes pistas de que existe. Está na família, na escola, no mercado de trabalho, no cotidiano”, observa Hasenbalg.

Na realidade, ninguém nasce racista. Trata-se de um sentimento que não é inato ao ser humano. É, sim, uma construção social e cultural que se enraíza desde cedo nas crianças e nos jovens durante o processo de socialização e de constituição de conhecimentos e valores, como observa o sociólogo Hasenbalg: “Os próprios pais negros e mestiços têm internalizada uma série de estereótipos negativos a respeito deles mesmos, que são passados para as crianças”.

Estereótipos, muitas vezes, apoiados na própria historiografia, sobretudo europeia, que defendeu, por

muito tempo, a existência e a supremacia de algumas raças sobre outras. Raça é um termo, aliás, impreciso, associado à divisão da humanidade em diferentes grupos populacionais, de acordo com o critério de descendência biológica comum. Neste contexto, cada raça é identificada segundo um conjunto de características físicas, como a cor da pele ou do cabelo, herdada de um mesmo grupo ancestral.

Todos fomos um - A historiadora e escritora Denise Rosalem, professora do Departamento de

Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), explica que os defensores deste tipo de classificação queriam estabelecer hierarquias, justificar desigualdades ou, ainda, impor dominação econômica, social e política. Atualmente, uma visão antiga e amplamente contestada. As pesquisas mais recentes sobre o assunto dão conta de que os seres humanos descendem de um único ancestral, que teve origem na África.

Estudo publicado pela revista *Nature*, em dezembro de 2000, afirma que os *Homo sapiens* partiram do continente africano, em algum momento dos últimos 100 mil anos. Dali, seguiram em direção à Europa, ao Oriente Médio e à Ásia e promoveram a expansão para o resto do mundo. Mais recentemente, em julho deste ano, uma missão de paleontólogos no norte do deserto do Chade, na África Central, de-

senterrou os restos de um hominídeo de 7 milhões de anos, sendo considerado o mais antigo representante da raça humana.

Portanto, a noção de várias raças humanas é, neste momento, errônea, tanto sob o ponto de vista genético quanto pelos pontos de vista biológico e arqueológico. O que foi ratificado oficialmente, em 1963, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a Declaração das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial. No seu primeiro artigo, o documento destaca que *a discriminação entre seres humanos, baseada em raça, cor ou origem étnica, é uma ofensa à dignidade humana e deve ser condenada*. Três anos depois, a própria ONU elegeu o dia 21 de março como o Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial.

História - Mais recentemente, em agosto de 2001, foi realizada a III Conferência Mundial sobre Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlatas, em Durban, na África do Sul. Representantes de 177 países reconheceram a discriminação racial como crime contra a humanidade e se comprometeram a desenvolver ações concretas para superá-la.

A bandeira do encontro é por um mundo que respeite as diferenças. Lá, os participantes concluíram que os povos não têm raça, não têm cor. Têm, sim, história. E é esta história que os afro-brasileiros querem resgatar e valorizar. História, por sinal, riquíssima, cheia de deta-

lhes, miscigenações, influências e confrontos. Afinal, foram os negros, vindos de diversos pontos da África, que, por mais de 300 anos, subsidiaram com seu trabalho escravo a produção da riqueza e da cultura brasileira. Mesmo em um cenário opressor, desigual, recheado de focos de resistência, de lutas armadas e de rebeliões, o negro conseguiu perpetuar a sua cultura. Provas disto estão na cozinha brasileira, no sincretismo, na dança, na música e nos costumes.

No livro *Casa-grande & senzala* (Editora Record), o sociólogo Gilberto Freyre, em 1933, chegou a afirmar que os negros foram mais importantes para a colonização do que os próprios colonizadores: “Diz-se que o brasileiro foi colonizado pelo português. Este conceito é convencional. Contra ele tenho sugerido outro. O negro no Brasil não foi colonizado, foi colonizador”, escreve ele. ▶





Deixando de lado a ideologia da chamada *democracia racial*, defendida por Freyre, onde brancos e negros se relacionavam harmoniosamente desde os pri-mórdios da época colonial - pensamento hoje abolido -, a historiadora Denise Rosalem concorda com o escritor: “A história conta que os negros sempre foram vencidos. Mas o que os livros não falam é que eles também resistiram muito e acabaram negociando a sua própria cultura. Atualmente, ela está presente em todos os lugares. Não há como negar isto”.

Resistência - A nova historiografia fala em um escravo mais ativo, apesar do período de escravidão, da mesma forma que a sociologia recente descobre um negro resistente e lutador, mesmo sob forte opressão a que foi submetido. Exemplos não faltam. O líder Zumbi dos Palmares é um deles. Liberata, a escrava que - como outros tantos - entrou na Justiça contra o *senhor*, é outro. Reconhecer e valorizar esta riqueza deve ser, portanto, o dever de casa de todos os brasileiros, não de

forma folclórica, mas, sim, como parte integrante da história do povo. Como explica a historiadora, é entender a diferença como diferença e somente isto: “É entender que a diferença passa a não ser uma desvantagem nem instrumento de hierarquização”.

O problema é que a Educação brasileira sempre desconheceu, por uma questão de dominação, a riqueza e a hegemonia dos contextos culturais dos afro-brasileiros. É o que afirma, por exemplo, o escritor e também historiador Joel Rufino dos Santos, no artigo *Educação e Cultura - Juntas ou Separadas*. “Os contextos culturais trazidos da África são o núcleo pesado do processo civilizador brasileiro. Mas a sociedade brasileira não reconhece isso. Supõe-se que quem tem cultura são os descendentes europeus que se instruíram no contexto cultural moderno ocidental cristão. Trata-se de uma relação de poder, de uma forma de dominação”.

Por conta disso, Manolo Florentino, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), explica que ninguém em sã consciência se identificará com um povo sofrido, torturado, massacrado e explorado durante séculos: “Você acha que uma criança negra, ao abrir o seu livro de escola e se deparar com a figura de um negro maltratado, explorado e humilhado, irá se reconhecer? Não há como. Ela se identificará com os príncipes e princesas, que eram brancos. É isto o que acontece na prática”.

Manolo defende uma Educação que abra espaço para a cultura afro-brasileira, dando visibilidade aos negros que tiveram importância na historiografia do país: “É bom lembrar que não foram poucos. Por que os livros em vez de dedicarem páginas e páginas

para relatar a escravidão, não falam sobre os poetas negros, como Castro Alves, Lima Barreto e João da Cruz e Sousa? Sem falar no Aleijadinho, no Mestre Valentim, em Nilo Peçanha, Machado de Assis e tantos outros. Desta forma, abriria-se a possibilidade das novas gerações se identificarem com os seus antepassados”.

Pluralidade - As novas Diretrizes Curriculares Nacionais e a MultiEducação - Núcleo Curricular da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro - tentam reconstruir esta história. Defendem uma prática educativa que respeite as diferenças e que seja plural. A coordenadora do Projeto de Geografia e História da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Ana Paula Teixeira Soares, alerta, porém, que esta metodologia depende, e muito, da postura do professor: “Antes de mais nada, isto tudo passa pela visão ética do profissional que está na sala de aula. Ser plural, aceitar as diferenças e valorizá-las são atitudes defendidas, mas que devem ser incorporadas pelo educador por uma questão de ética”.

A pedagoga Renata Lima Aspis acredita que a partir do momento em que o educador faz com que o aluno elabore um projeto de vida que contemple todos os indivíduos que vivem em sua comunidade, o estudante começa a refletir sobre a importância da ética, da solidariedade, da troca, do respeito e da amizade. Em seu artigo *Pensando sobre ética*, ela diz: “Esquecemos com frequência que um projeto de vida implica necessariamente em um projeto de vida para todos. Só elaborando um projeto de mundo posso ter um projeto de pessoa. Se alguém não se sente parte do outro, se não sabe que o outro é parte dele, dificilmente será ético. Se o homem não se sente parte da natureza, se não se sente ligado aos outros homens e se desconhece sua dimensão cultural e histórica, é possível que pense: para que ser ético? Para que respeitar os outros?”

Este é, sem dúvida, um dos papéis da escola do novo século. Respeitar a diferença e valorizar a cultura de várias etnias

sem hierarquização fazem parte da agenda. O professor João José Reis, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), vai além e afirma que enquanto o negro brasileiro não tiver acesso ao conhecimento da história de si próprio, a escravidão cultural se manterá no país.

Inclusão - Um bom exemplo vem da própria terra natal do professor. Em Salvador, o projeto Irê Ayó chama a atenção por trabalhar exatamente desta forma. Crianças da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos aprendem conteúdos de Matemática e de outras disciplinas a partir de referenciais da cultura afro-brasileira. Lá, os alunos constituem conhecimentos e valores conhecendo os mitos africanos e as histórias dos orixás.

A pesquisadora e professora Vanda Machado, que acompanha de perto a metodologia, diz que a proposta busca reconstruir a imagem do negro, das suas lutas e de sua verdadeira contribuição na formação do povo brasileiro - informações que ainda não constam de muitos livros didáticos existentes: “O Irê Ayó é uma proposta de trabalho que incentiva o surgimento da arte e da alegria de ser, pertencer e participar da comunidade em que vive, valorizando a cultura afro-brasileira, construindo a identidade, cultivando relações solidárias e elevando a auto-estima de um grupo”. O trabalho é reconhecido nacionalmente pelo Ministério da Educação (MEC) como referência de inclusão da cultura afro-brasileira. Inclusão pela cultura. Esta é a bandeira dos negros no começo deste século XXI, na avaliação da historiadora Denise Rosalem. Para ela, os negros hoje não lutam

mais pela constituição de partidos políticos nem pelo direito de ir e vir. Em um primeiro momento, logo após a abolição, eles buscaram sua inserção na economia, no mercado de trabalho: “Essa bandeira foi até a ditadura militar, quando o eixo muda de foco. A luta passa a ser travada na esfera política. Assim como as mulheres, os pobres e boa parte da população branca, os negros não tinham direitos. Não era privilégio apenas deles. Juntos, todos lutavam pela democratização e pela cidadania. Hoje, vivemos em uma democracia, pelo menos oficialmente. Os direitos civis estão garantidos na Constituição Federal. Neste novo cenário, surge então o sentimento de identidade. Quem somos nós? O negro, então, luta pela sua inserção no âmbito cultural”.

Não é por acaso que surgem em todo o país movimentos negros e organizações não-governamentais que defendem e divulgam a cultura dos afro-descendentes. Ao mesmo tempo, as produções literária e acadêmica crescem. Em março passado, por exemplo, ▶

a Universidade Cândido Mendes (Ucam) criou o Centro de Estudos Afro-Brasileiros, um desdobramento de um dos programas do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, iniciado em 1973. Em parceria com o Consulado Norte-Americano e com a Biblioteca do Congresso dos EUA, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) promoveu, nos dias 25 e 26 de novembro, o seminário *Resistência e Inclusão - Encontro sobre Memória e História dos Afro-Brasileiros e Afro-Norte-Americanos*.

Contradição - O assunto ganha cada vez mais espaço tanto no meio acadêmico quanto na imprensa. Em maio deste ano, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os dados do Censo 2000. O levantamento mostrou que, de 1991 para 2000, o número de pessoas que se autodeclararam negras passou de 5% para 6,2% - chegando à casa dos 10,4 milhões. O que não deixa

de ser uma grande contradição. Afinal, depois da Nigéria, o Brasil é o país que concentra a maior população negra do mundo.

Mas sob o ponto de vista histórico, trata-se de um dado extremamente interessante, como explica o professor Manolo Florentino: "É um indicador extraordinário. Mostra que o negro está se valorizando. Mais interessante ainda é o novo tipo de casal misto que vem se formando. Antigamente, havia pares de homens brancos com mulheres negras. Hoje, crescem as relações entre homens negros e mulheres brancas. O que acaba promovendo, mesmo que lentamente, mudanças profundas".

Mudanças de ordem social e cultural. A mãe, historicamente ligada à educação dos filhos, passa a valorizar também a cultura e a tradição dos negros. O preconceito, se não desaparece, é amenizado. A criança do casal cresce em um ambiente de respeito às diferenças e de valorização da cultura do ser humano, seja ela de que etnia for.

Cotas - Ao mesmo tempo, os governos desenvolvem práticas de Ação Afirmativa - política criada nos Estados Unidos na década de 1960, cujo objetivo era ampliar o acesso de minorias às escolas de qualidade e bons empregos. Um destes exemplos foi dado pelas universidades do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e Estadual do Norte Fluminense (Uenf), que reservarão, anualmente, 40% do total de suas vagas para estudantes negros e pardos. A lei de cotas foi aprovada no ano passado pela Assembléia Legislativa do Estado

do Rio de Janeiro (Alerj). Já o governo federal anunciou que a administração pública destinará 20% de suas vagas para negros.

As medidas são polêmicas e geram um amplo debate. Até mesmo algumas representações de afro-brasileiros não concordam com as decisões. Mas, pelo menos, na visão do historiador Manolo, a questão do racismo, sob os diversos ângulos, está tomando conta da pauta do dia dos brasileiros. Um bom sinal. "O racismo existe no Brasil. Mas é um racismo envergonhado. As pessoas têm vergonha de assumir que são preconceituosas. É um racismo singular na historiografia mundial. Se é bom ou ruim? Não sei. Acho que é menos pior. Pelo menos, como já disse Gilberto Gil, aqui ninguém elegeria um representante que defendesse a segregação racial, a exclusão dos negros da sociedade. Sou otimista. Acho que, na verdade, o racismo tende a acabar". ■

Artigo/Regina de Assis*

Reflexões sobre o espaço do negro na mídia audiovisual brasileira

A presença do negro na televisão e no cinema brasileiros ou é inexistente - se comparada à do branco - ou é interpretada, às vezes, de maneira folclórica. Até pouco tempo, o negro não era representado com as mesmas características do branco. Uma peculiaridade da mídia audiovisual brasileira, em que prevalece a figura do negro como subalterno. Quando aparece como médico, advogado ou empresário de sucesso o faz como exceção.

A mídia resiste, mas deveria enfrentar a situação e representar o universo do negro de forma mais fidedigna, mostrando a diversidade de situações e a real contribuição da população negra. Mas chamo a atenção para algumas produções interessantes. O cineasta Cacá Diegues, no filme "Quilombo" (1984), mostrou outra visão da origem afro-brasileira, resgatando o Quilombo dos Palmares e o papel da liderança do herói Zumbi. Em outro filme do mesmo cineasta, "Xica da Silva" (1976), a atriz Zezé Mota traz a extraordinária mulher negra mineira que soube tirar proveito de sua beleza, influenciando os homens. Esta é outra representação da inteligência, da sedução, da astúcia e do veneno da mulher brasileira. Uma figura feminina controversa tratada de maneira digna, ressaltando a importância do seu caráter.

Há três produções recentes: o seriado de TV "Cidade dos Homens" e os filmes "Cidade de

Deus", de Fernando Meirelles, e o documentário "Ônibus 174", de José Padilha, retratam a vida da população negra no Brasil e mostram o preço que esta população paga desde que chegou como escrava. E, mesmo assim, trouxe sua doçura, sua energia, sua capacidade de trabalho e sua criatividade, e foi capaz de integrar tradições. Tanto sob o ponto de vista espiritual quanto nas várias expressões da cultura e o que é mais marcante - traços de caráter, modos de mostrar afetividade, de estabelecer relações - e que eu chamaria de doçura africana, são aspectos pouco valorizados pela mídia.

Mas esses três filmes fazem diagnóstico cuidadoso do que essa população tem sofrido no Brasil e sua força de reação, sobrevivência e superação, deixando claro que a população negra não é preguiçosa, desorganizada e desconcentrada. Isto tudo é criação racista que a mídia incorporou e que impede a capacidade de entender o diverso, o ponto de vista alheio e de saber conviver.

Tais obras denunciam que negros e brancos vivem em situação de abandono, embora ambos tenham direitos básicos idênticos de cidadania, moradia, segurança, educação e cultura. Não necessidades, mas direitos consagrados e conquistados na Constituição.

No mínimo, as recentes produções abrem o debate. Como a população negra vem articulando suas reivindicações? Mostra, também, como a população branca se equivoca na maneira de conviver com os negros. E o que fica evidente é que não há, da parte da população, preconceito de raiz. As pessoas convivem, sejam elas brancas, negras ou mulatas. Mas as estruturas oligárquicas criadas no início da nossa colonização permanecem fortes. Isto é que tem que ser rompido, desmistificado.

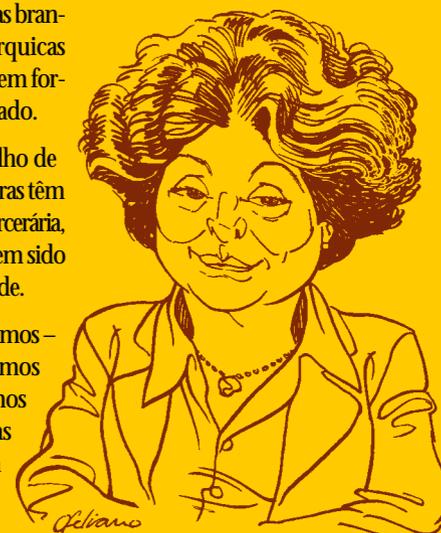
O documentário "Ônibus 174" tem um trabalho de pesquisa que aborda como as autoridades brasileiras têm lidado com a questão do negro, com a população carcerária, que é majoritariamente negra e jovem, e como tem sido pensado o sistema de reinserção deles na sociedade.

Isto tudo nos leva a refletir. Como é que nós mesmos - uma equipe de brancos e negros que produzimos currículo, publicações, vídeos, sites - trabalhamos com este tema e de que maneira estes problemas devem ser tratados na escola com o apoio da mídia e do currículo?

Não temos que falar apenas para os negros. Temos que falar para toda a sociedade brasileira e desvendar, sim, sob o ponto de vista das lideranças negras, suas perspectivas dos problemas vividos por *carregarem uma cor*.

A sociedade brasileira entende a necessidade de expressão de todos. Quando a população negra se articula e se torna visível e muito eloqüente, abre para outras populações brasileiras caminhos de discussão e possibilidades de transformações. O que significa, na prática, ser negro? Este debate deve ser ampliado para a população indígena brasileira, que congrega 200 povos diferentes com uma cosmovisão única, um código de ética, de valores. A mídia brasileira tem imensa responsabilidade e uma dívida com a população brasileira, que deve ter resgatado seu espaço verdadeiro. ■

*Professora Regina de Assis
Presidente da MULTIRIO





Vocabulário de respeito às diferenças e não à discriminação

Tangolomango, ciranda infantil da cultura popular brasileira, é o nome da turma. Na entrada da escola, um grande mural pintado pelos alunos mostra uma cena da história do **Boi-bumbá**, com destaque para o escravo pai Francisco e sua esposa Catirina. Na hora do recreio, os estudantes jogam capoeira, brincam de pique, de corda, de escravos de Jó e cantam músicas folclóricas. Na sala de aula, estuda-se contos africanos. É assim o cotidiano dos 34 alunos da turma de progressão do Ciep Posseiro Mário Vaz, em Pedra de Guaratiba, Zona Oeste do Rio, onde discriminação é palavra riscada do vocabulário da turma.



Os alunos da Posseiro Mário Vaz conhecem aspectos do folclore brasileiro realizando trabalhos artísticos

Brincadeiras, parlendas, cirandas e cantigas da cultura popular brasileira ajudam a professora Marisa Silva a mostrar a importância dos grupos étnicos que contribuíram para a formação do país. E apresentam as características e riquezas culturais de cada povo. Em especial a do negro.

Durante as aulas, se os estudantes se deliciam com histórias dos famosos irmãos Grimm, como *Chapeuzinho Vermelho* e *A Bela Adormecida*, ficam vidrados também nos contos e lendas africanos, como o *Boi-bumbá*, o *Negrinho do Pastoreiro* e o *Bicho-tutu* – o bichopapão que amedronta as crianças que não querem dormir. Eles brincam de queimado, de carrinho, de boneca, mas também de escravos de Jó, atividade que favorece o aprendizado de alguns conceitos matemáticos. Jogam dados e bolinhas de gude e gostam de dançar jongo e caxinguelê, trabalhando assim outras linguagens, com a imaginação e a fantasia.

Novos referenciais - O currículo trabalhado expressa e valoriza a historiografia brasileira explorando as diferentes culturas e povos, o que têm em comum e o que são e fazem, mostrando que cada um tem a sua importância, que todos têm suas características próprias e são, portanto, diferentes e igualmente valiosos, como observa Marisa: “Nossa cultura é marcada

por referenciais do homem branco, do europeu. Mas, na verdade, também somos descendentes de outras etnias. O negro, por exemplo, contribuiu muito para a formação de nossa identidade. Mas não valorizamos isso. Associamos sempre o negro à escravidão. Isto gera discriminação, baixa estima e preconceito”.

Preconceito que a própria professora Marisa já enfrentou em alguns momentos de sua vida. Quando lecionava em uma escola particular da Zona Sul encontrou resistências de alguns pais por não ser branca. Preconceito que tenta desconstruir em sua sala de aula: “Uso a riqueza da cultura popular brasileira para valorizar a história de todos nós. Falo dos negros, de suas danças, músicas e costumes. As pessoas desconhecem esta cultura. O trabalho faz com que os alunos conheçam outros referenciais sobre os negros e ajuda a evitar um possível preconceito no futuro”.

Na prática, para turma de Marisa, o futuro já começou. A lição é posta diariamente à prova. Afinal, crianças de diferentes etnias convivem no mesmo espaço de aula. Espaço que privilegia o respeito, a conversa e o não preconceito. Tarefa, com certeza, nada fácil, mas instigante e ponto de partida para uma educação inclusiva, como avalia a professora: “Como Paulo Freire dizia, é preciso trazer a vida do aluno para dentro da escola e a partir daí promover a constituição de conhecimentos. Aproveito a cultura popular para passar estes conhecimentos e, ao mesmo tempo, para resgatar a identidade do nosso povo”.

O resultado pode ser medido em pequenos detalhes. Os apelidos depreciativos por causa da cor e os preconceitos já não são tão comuns na sala de aula. Outro bom exemplo: no início do ano, uma das alunas mestiças desenhou sua família. Ela e sua mãe foram retratadas como brancas e loiras. O trabalho mostrou o quanto a criança não valorizava seus traços, sua cultura, sua origem. Passado quase um ano, a menina fez outro desenho a pedido da professora. Avanços: boca carnuda, pele bronzeada, sorriso no rosto.

Avanços que elevam a auto-estima de cada um dos estudantes, do grupo e da turma. Avanços que são percebidos também na vida escolar. Em março, muitos ainda não dominavam a leitura e não operavam com as quantidades em Matemática. O quadro agora é mais ▶

Tradição do folclore do Norte do Brasil, disseminada por todo o país, o Boi-bumbá conta a história de uma mulher grávida (Catirina) que tem o desejo de comer a carne do boi preferido do patrão do seu marido. Pai Francisco (negro escravo), para satisfazer a vontade de sua mulher, mata o boi. O dono descobre e ordena que Pai Francisco traga o animal vivo. Ele pede ajuda ao pajé, feiticeiro dos índios. Quando a mágica acontece, todos dançam alegremente em volta do boi. A festa geralmente acontece entre o Natal e o Dia de Reis e tem variações em todo o país. No litoral de Santa Catarina, tem a dança do Boi-de-mamão. Na cidade de Parintins, Amazonas, a festa do boi atrai milhares de pessoas, que vão à uma arena durante dois dias ver a disputa dos bois Garantido e Caprichoso.



do que animador. As crianças lêem e sabem trabalhar com os números. Muitas delas já estão com o passaporte carimbado para a 3ª série do Ensino Fundamental.

Estão crescendo e conquistando novos espaços. Porém, acredita a professora, nunca esquecerão de valorizar as diferentes etnias, de respeitar o próximo e de evitar o preconceito: “É a partir da infância que constituímos nossos valores, que criamos nossos referenciais e estabelecemos pontos de vistas. E para apreender tudo isto eles estão brincando, dançando, cantando coisas da própria cultura deles, ou seja, de índios, de brancos e de negros”.

Bom exemplo - A *brincadeira* é realmente levada a sério pelos alunos. Tanto é que o trabalho vem chamando a atenção de outras escolas. Recentemente, os estudantes foram convidados para se apresentar na abertura do Festival da Canção Escolar (Fecem), etapa regional da 10ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). Jogaram capoeira, dançaram caxinguelê e cantaram cirandas. Desenhos sobre o Dia da Consciência Negra estão concorrendo a prêmios em um concurso da Prefeitura. Um enorme boi-bumbá, confeccionado pela turma, está visitando as escolas da região. O trabalho já foi destaque no programa de TV *Nós da Escola* (n. 64), da MULTIRIO.

Se as atividades despertam a curiosidade dos estudantes, o que dizer da professora? O seu interesse pelo assunto é tanto que o binômio *Cultura Popular e Educação* é o tema do seu anteprojeto de mestrado encaminhado à Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Marisa entrou para a Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro no início deste ano. Formada em Pedagogia e com pós-graduação em Literatura Infantil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), encontrou no Ciep o espaço ideal para desenvolver o seu trabalho: “Mostro que a cultura popular é prato cheio para se trabalhar com o currículo e excelente forma de combater preconceitos e discriminações”.

Marisa conta com o apoio de Margarete Bandeira, diretora da escola, que vibra com cada atividade da turma. Ela apostou no trabalho da professora Marisa, como aposta em qualquer outro bom projeto. Como diretora, acredita que seu papel é exatamente este: incentivar propostas que sejam plurais, que favoreçam a amizade, a solidariedade e o bem-estar e que efetivamente contribuam para a elevar a auto-estima de crianças e adolescentes. Ela acredita que este seja um dos papéis da escola e dos professores: “O preconceito existe, mas a escola também”. ■

Marisa e Margarete vibram a cada atividade da turma, como a produção do mural sobre o Boi-bumbá

Documentos históricos, fotos preciosas e pesquisas ligadas à educação.

Um pouco de tudo isso está ao alcance dos professores e do público em geral no Centro de Referência da Educação Pública da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Localizado na Avenida Presidente Vargas, no Centro, e inaugurado recentemente, o espaço ocupa o antigo prédio centenário da Escola Municipal Rivadavia Corrêa, uma das mais antigas da cidade, e conta com sala de exposição, cafeteria, sala de informática, videoteca e um auditório para 130 pessoas.

Passeio pela história das escolas do Rio



Mariza Werneck Hirschfeld, professora da SME e diretora do Centro de Referência, explica que o objetivo do local é preservar a memória da educação pública das escolas do município do Rio: “O espaço será um centro de referência, no qual professores, pesquisadores e visitantes poderão ter acesso a informações diversas sobre as escolas da Rede Municipal de Ensino”. Todas as informações estarão armazenadas em um banco de dados nos computadores da casa, que poderão ser acessados pelo público.

O Centro também promove e financia pesquisas ligadas à história das escolas da rede. A primeira delas, intitulada *Escolas do Imperador*, tornou-se tema da exposição de inauguração do espaço. Idéias para novos projetos não faltam. “Queremos, por exemplo, resgatar a história dos uniformes usados pelos alunos da Rede Municipal de Ensino. Fazer o levantamento das unidades construídas na época do educador Anísio Teixeira também está em nossos planos”, informa Mariza.

Um dos objetivos do Centro é mostrar que a escola faz parte da constituição não só dos saberes formais, mas é fundamental também na nossa biografia, nossa história de vida. O projeto *Escola fonte de relações sociais*, que começou em novembro, reuniu ex-alunos da Escola Municipal Rivadávia Corrêa. Eles contaram histórias e resgataram o dia-a-dia do colégio. No dia 15 do mesmo mês, houve o seminário *Quatro Caminhos em 100 anos*, que deba-

teu a importância e o legado de Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa, Sérgio Buarque de Holanda e Carlos Drummond de Andrade. Essa programação faz parte das ações do Centro. ■



Centro de Referência da Educação Pública

Av. Presidente Vargas, 1.314, Centro
Horário: das 10h às 17 h
Telefones: (21) 2253-0371, 2253-0365
E-mail: crep@pcrj.rj.gov.br

Escolas do Imperador

Exposição de fotos e documentos

De segunda a sexta-feira,
das 10h às 17 h

As escolas podem agendar
visitas pelos telefones (21) 2253-0371
e 2253-0365



No tempo de D. Pedro

A exposição *Escolas do Imperador* conta a história de oito escolas criadas e construídas, por sugestão de Dom Pedro II, durante o final do Segundo Império.

As unidades foram erguidas logo após a vitória brasileira na Guerra do Paraguai. Durante a visita, o público fica sabendo que a Escola Municipal Gonçalves Dias, a mais antiga da cidade, data de 21 de dezembro de 1870, quando o imperador colocou a pedra fundamental.

Ao contrário da Gonçalves Dias, de duas suntuosas escolas da época do Império restaram apenas fotos.

A Escola da Freguesia de São José foi derrubada para abrigar o atual prédio da Câmara dos Vereadores.

O mesmo aconteceu com a antiga Escola da Freguesia de São Francisco, que foi destruída para a construção da Avenida Presidente Vargas.

A documentação reunida e exposta no Centro também conta a história da educação no final do Século XIX, quando meninos e meninas estudavam separados e em algumas escolas até a entrada era por portões diferentes. Aberta até junho do próximo ano, a exposição é uma viagem no túnel do tempo, como explica a diretora adjunta do Centro de Referência, Solange Costallat: “A história das escolas da cidade é riquíssima. Afinal, o Rio era a sede do Império e depois se tornou a capital da República”.

Para sua atualização

A relação entre o homem e seu meio, a biografia de grandes inventores e um passeio pelo mundo da arte são destaques da programação de TV da MULTIRIO.



Reprodução

TV

Senhores dos Animais

Sinopse

A série é composta por 13 episódios que destacam a convivência entre homens e animais em diversas partes do mundo. A integração entre eles e deles com a natureza é o foco de cada documentário.

Na Escola

O programa permite que professor e aluno conheçam a importância de determinados animais em algumas culturas, como o elefante, o macaco e o camelo, na Índia; as renas, na Mongólia; o macaco, na Indonésia; as lhamas, no Peru; e o pelicano vermelho, no Paquistão.

A integração das áreas de História e Geografia favorece os projetos de trabalho, nos quais os alunos identificam características culturais de um povo. A partir daí, eles podem destacar as tradições e os valores que formalizam condutas entre os homens, os animais e a própria natureza.

Professor, aproveite essa oportunidade e elabore, com seus alunos, um roteiro de trabalho de pesquisa. O resultado pode servir para que você e seu grupo estabeleçam comparações com as relações entre o povo brasileiro e seus animais de estimação. Dê destaque para as várias regiões do nosso país. Em Geografia essa experiência pode ajudar a entender como se dá a relação do homem com seu meio e suas transformações.



Área de Conhecimento

História

Ficha Técnica

Tipo de produção:
Documentário

País: França

Duração: 30 minutos



TV

O Homem e suas Descobertas

Área de Conhecimento
Ciências

Ficha Técnica
Tipo de produção: Documentário
País: França
Duração: 5 minutos

Sinopse

Os programas revelam as inquietações de personalidades que fizeram história com seus inventos e descobertas. O contexto histórico e cultural em que essas experiências foram realizadas também é abordado, o que facilita nossa compreensão sobre a importância dessas descobertas em cada época. Criatividade é a marca desta série, que tem programas produzidos com desenhos, gravuras, animações, fotos e ilustrações variadas.

Na Escola

Procure identificar com seus alunos, ao longo da história, quando algumas invenções e descobertas surgem a partir de uma demanda social e quando surgem de um interesse ou desejo pessoal do inventor ou pesquisador.

Em Ciências, o professor pode analisar as características pessoais de homens e mulheres que se destacaram por inventar ou descobrir conceitos, teorias e produtos que, de alguma forma, beneficiaram a humanidade. Uma dica importante é a de valorizar a curiosidade dos alunos. Muitas vezes, na tentativa de responder questionamentos aparentemente simples, você pode desenvolver com seu grupo procedimentos de pesquisa que resultem em situações ou produtos que venham a atender a alguma necessidade do próprio grupo. Outra ideia é realizar, na escola, levantamento de possíveis problemas que possam ser resolvidos pela comunidade escolar.

Todas essas atividades buscam aguçar o espírito científico de alunos e professores.

TV

Museu Mutante



Sinopse

Série composta por 40 episódios. A cada programa, uma criança descobre uma nova obra de arte e a partir dela narra-se uma história. As animações promovem uma integração das fábulas infantis com a arte. A luz, a tonalidade das cores e o estilo de cada pintor são os temas destacados. Paisagens e a rotina de vida de camponeses e operários são retratados, o que permite ao espectador conhecer um pouco da cultura de vários países.

Na Escola

As obras de arte são apresentadas nesta série a partir de duas linguagens: a plástica e a poética. Uma boa ideia é analisar alguns episódios da série com professores de outras disciplinas. Os de História e Ciências, por exemplo, podem ampliar a discussão de conceitos como estética, forma, volume, textura, cor e luz. Debate que pode contribuir ainda para o estudo de conceitos de outras áreas, como Matemática (volume, forma).

Professor, vale destacar a importância do contato com a arte para a ampliação do universo cultural dos alunos, para o desenvolvimento do *olhar* estético e crítico e para a possibilidade de crianças e jovens se tornarem produtores de arte e conhecimento.

Área de Conhecimento
Ciências

Ficha Técnica
Tipo de produção: Animação
País: França
Duração: 5 minutos

Programação MULTIRIO

Canal 3 da Net

Diariamente, das 7h30 às 11h30

BandRio

De segunda a sexta-feira, das 7h às 8h e das 14h às 15h
Sábado e domingo, das 10h às 11h

Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet

Professor tem o direito de...



Desde o ano passado, o profissional que assume o cargo de professor na Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro participa do seminário *Humanizando as Relações*. Promovido pelo Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Educação, o encontro tem o objetivo de apresentar aos educadores seus direitos e deveres como funcionário da Prefeitura do Rio.

Cada profissional recebe um livro com a relação de todos os seus benefícios e os procedimentos que devem ser tomados para usufruí-los. As escolas interessadas também podem solicitar ao departamento cópia do documento.

A equipe da **Nós da Escola** reuniu aqui alguns dos principais direitos concedidos aos educadores. Confira!



Departamento
de Desenvolvimento
de Recursos Humanos
Telefones: 2503-2117 / 2503-2122

Afastamento sem prejuízo de vencimentos, mas que interferem na concessão de alguns benefícios

Licença para tratamento de saúde - Concedida para tratamento de saúde do próprio funcionário.

Licença por motivo de doença em pessoa da família - Concedida pelo departamento de perícias médicas para assistência à pessoa da família (dependentes). Até 12 meses, o professor recebe vencimento integral; de 12 a 24 meses, o servidor recebe dois terços do salário; mais de 24 meses, é suspenso o pagamento.

Redução de carga horária - O professor, responsável legal por portador de deficiências ou patologias, pode requerer a redução, em 50%, de sua carga horária.

Afastamento com remuneração e contagem de tempo de serviço

Casamento - Afastamento por oito dias consecutivos.

Luto - O professor tem direito a oito dias, a contar do óbito de cônjuge, pais, filhos ou irmãos.

Dia de prova - É permitido faltar ao trabalho, desde que o servidor apresente atestado da instituição de ensino que frequenta.

Licença-paternidade - O educador pode ficar oito dias em casa, a contar da data de nascimento da criança.

Licença especial (artigo 110 da Lei 94/79) - Após cada quinquênio (cinco anos) de

efetivo exercício no magistério, o funcionário terá direito a três meses de licença especial.

Licença à funcionária gestante - O período de licença é de 120 dias, a contar do nascimento do bebê. No caso de aleitamento materno, a gestante pode requerer 90 dias.

Licença-adoção - Professores têm direito a um período de licença de 120 dias, independentemente da idade do adotado.

Licença-avó - A funcionária avó tem direito a sete dias de licença durante os 120 primeiros dias do bebê.

Afastamento sem remuneração e contagem de tempo de serviço

Afastamento para estudar - Professores que desejam continuar seus estudos podem solicitar o afastamento. A licença é de, no máximo, quatro anos. Somente durante o primeiro ano é que os educadores fazem jus ao vencimento.

Licença para acompanhar cônjuge - Será concedida pelo prazo de dois anos, podendo ser prorrogada a cada dois anos.

Licença para tratar de interesses particulares - Concedida para o servidor que tem mais de três anos de exercício no cargo. O período de licença poderá ser de, no máximo, 48 meses. A licença depende da aprovação da SME.



Imagina se trabalhasse!

Roteiro: Cristina Campos / Arte: Ofellano



FILMES

A Hora do Show

Pierre Delacroix é o único roteirista negro escrevendo para uma rede de TV com problemas de audiência. Apesar de seus esforços, nenhum de seus programas foi produzido ainda. Seu chefe, obcecado pela audiência, quer um programa voltado para a comunidade afro-americana e lhe dá um ultimato: ou Delacroix aparece com um grande sucesso, ou será demitido. Certo de que será demitido, o roteirista apresenta um show racista ultrajante. Ao mesmo tempo que a idéia é aceita e o programa vira sucesso nacional, ele passa a receber contínuos ataques da comunidade afro-americana.

(Direção: Spike Lee/Duração: 135min)

TV-VÍDEOS

Nós da Escola

Etnia e diversidade cultural
Identidade é o tema do programa, que aborda o assunto mostrando matérias sobre as diversidades cultural e étnica do Brasil. (Programa 10/Duração: 30min)

LIVROS

Para a garotada

O Menino Mágico

Rachel de Queiroz

Editora Siciliano - Matriz (1993)

Ilustrado por Gian Calvi, este livro foi premiado pela Unesco como uma das dez melhores publicações brasileiras do gênero. Com seu jeito especial de narrar, a autora conta as aventuras e brincadeiras de Daniel, um menino mágico.



O Dono da Verdade



Bia Hetzel

Desenhos de Mariana Massarani

Manati (2002)

A autora brinca com provérbios e ditos populares e transforma conceitos abstratos como a mentira, a verdade e a dúvida em maravilhosos personagens, como Lorota, Potoca, Lampana, Patranha, Peta...

Para sua atualização

Homo Brasilis

Sérgio D. J. Pena (Org.)

Editora Funpec (2002)

Quem é o brasileiro de hoje e como surgiu? Esta é a questão central deste livro. A obra reúne artigos de geneticistas, historiadores, lingüistas e antropólogos que procuram, sob óticas diferentes, reconstituir aspectos da história da formação da população brasileira.

Esconderijos...

Cristina Muniz (Org.)

Editora 7 Letras (2002)

Este livro apresenta o resultado de uma das ações do projeto "Esconderijos...", o curso "Interações Lúdicas e Aprendizagem", cuja experiência é relatada. O objetivo do curso consistiu na capacitação de um grupo de professores da Rede Municipal de Ensino (RJ), tendo como pressuposto uma metodologia lúdica funcionando como catalisadora de seu potencial criativo.

As Queixas do Povo

Eduardo Silva

Editora Paz e Terra (1989)

Baseado em uma coluna de queixas e reclamações populares publicada pelo Jornal do Brasil, o livro revela o cotidiano, o pensamento, a cultura e a visão de mundo do povo simples, preto e pobre da chamada *belle époque* carioca, de 1900 a 1910.

AGENDA

MULHER

O Centro de Artes Calouste Gulbenkian insere em sua programação cultural de novembro a campanha Não à Violência contra a Mulher - A Paz no Mundo Começa em Casa - 2002. Na exposição *Uma menina afegã* os artistas expressam seus sentimentos contra qualquer forma de discriminação, com destaque para as meninas e mulheres de várias partes do mundo. O Centro de Artes Calouste Gulbenkian fica na Rua Benedito Hipólito, 125, Praça Onze. Informações: (21) 2503-4622/2221-6213 ou gulbenkian@pcrj.rj.gov.br

FÓRUM

A segunda edição do Fórum Mundial de Educação, que será realizado em Porto Alegre de 19 a 22 de janeiro, terá como tema *Educação e Transformação*. Com programação variada, incluindo conferências e debates, o evento vai tratar da relação entre educação e sociedade. Informações: (51) 3286-4520 ou www.forummundialdeeducacao.com.br

PROGRAME-SE

O Ceperj está oferecendo para 2003 o curso de especialização *Educação e Reeducação Psicomotora*. A carga horária é de 360 horas. As inscrições começaram em novembro. Informações: (21) 2587-7707 ou ceperj@uerj.br

O que rádio escolar tem a ver com a web?



No site da MULTIRIO, tudo!

A MULTIRIO traz em seu site, semanalmente, a produção de professores e alunos das escolas públicas do município do Rio de Janeiro.

www.multirio.rj.gov.br

o lugar do professor na internet

► O site da MULTIRIO:

- convida o professor a navegar na internet
- apresenta temas curriculares em novas linguagens e novos conteúdos
- orienta o uso dos produtos da MULTIRIO em sala de aula